

# A ATUAÇÃO DA MULHER NEGRA NA DOCÊNCIA NO ENSINO DE 1º AO 5º ANO NO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DO SÓTER - MA <sup>1</sup>

JEILSON DE OLIVEIRA MOISÉS <sup>2</sup>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE CAXIAS – CESC  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Me. Elizete Santos

## 1 INTRODUÇÃO

A educação é de suma importância no processo de formação humana, fazendo-se presente desde o nascimento até o momento em que o ser humano deixa de existir. É por meio dessa formação que o cidadão tem a oportunidade de melhorar a vida em sociedade, cabendo-lhes o respeito mútuo entre seus pares, bem como o respeito às diferenças raciais.

Referindo-se ao trabalho docente realizado pelas mulheres, observa-se que ao longo da história o mesmo perpassa por várias representações sobre a identidade do gênero atuante na Educação e dessa forma, a educação da mulher negra, tem sido alvo de muitos estudos e discussões principalmente em relação à sua atuação docente em sala de aula como contribuinte no processo de ensino e aprendizagem, fazendo-se necessário que o governo propicie melhores condições de trabalho e educação e conseqüentemente a formação cidadã do educando.

Partindo-se das observações supracitadas e por ser um tema que necessita ser explorado, dado a sua valiosa contribuição na área da educação sotense, bem como para o universo acadêmico, questiona-se: Quais as contribuições que as professoras negras vem propiciando ao cenário educacional da Cidade de São João do Sóter – MA?

No intuito de responder a este questionamento básico o presente trabalho sobre o tema: “A atuação da mulher negra como docente no município de São João do Sóter – MA” tem como objetivo principal investigar a contribuição da mulher negra para o contexto educacional sotense.

Assim, com o propósito de tecer alguns fios para a confecção de uma reflexão sobre a importância da presença da mulher negra no cenário educacional sotense, este

---

<sup>1</sup> Este artigo é um recorte da dissertação de graduação em Pedagogia apresentado em 2014 no Centro de Estudos superiores de Caxias da Universidade Estadual do Maranhão CESC/UEMA

<sup>2</sup> Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, e Pós-Graduando em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano-IESF.

trabalho está estruturado em cinco capítulos sequencialmente complementares: O primeiro apresenta os fundamentos históricos e conceituais sobre a educação da mulher na Educação. O segundo aborda as perspectivas da mulher negra na educação. O terceiro aborda a metodologia desenvolvida. O quarto oferece uma análise sobre a atuação da mulher negra na educação de São João do Sóter - MA e por fim, no quinto capítulo apresenta-se as conclusões do pesquisador sobre a pesquisa realizada, destacando aspectos relevantes os quais puderam ser evidenciado no decorrer do processo de desenvolvimento deste trabalho.

## **2 HISTORICIDADE DO MOVIMENTO FEMENISTA, E DA EDUCAÇÃO DA MULHER NEGRA**

Em se tratando do movimento feminista, o mesmo iniciou a partir do século XIX, tendo início na Inglaterra, França e nos Estados Unidos, e posteriormente alcançando vários países e adquirindo novos significados.

Segundo Arias (1979, p.9):

As ondas do movimentos feministas ocorridas a partir dos anos 60 contribuíram ainda mais, para o surgimento da história das mulheres. Nos Estados Unidos, onde se desencadearam os referidos movimentos, e em outras partes do mundo que estes se apresentarem, as reivindicações das mulheres provocaram uma forte demanda de informações que estavam sendo discutidas. Ao mesmo tempo, docentes mobilizaram-se propondo as instalações de cursos nas universidades dedicadas aos estudos das mulheres.

Na fala acima verifica-se que os movimentos vieram a somar com a historicidade das mulheres, o mesmo pode abrir portas para que as mulheres pudessem expressar o que vinham sentindo, pois essas mulheres sempre eram tidas como inferiores aos homens.

Analisando-se a luta feminista, observa-se que em sua trajetória houve muitas resistências, perpassando por grandes lutas e direitos a igualdade, pois as mesmas eram vistas somente para cuidar da casa, da família e de seu marido. (Nizia Floresta<sup>3</sup> 1989, p. 23) ressalta que:

Se a força exterior do corpo fosse para eles um título suficiente para dominar sobre nós, que somos de uma constituição mais delicada, a superioridade da razão sobre a paixão deveria fazê-los envergonhar de submeter esta razão à paixão, aos prejuízos e a um costume sem fundamento. Se este sexo altivo quer fazer-nos acreditar que tem sobre nós um direito natural de superioridade, por que não nos prova o privilégio, que para isto recebeu da Natureza, servindo-se de sua razão para se convencerem?

---

<sup>3</sup> Foi uma educadora, escritora e poetisa potiguar, é considerada uma pioneira do feminismo no Brasil e foi provavelmente a primeira mulher a romper os limites entre os espaços público e privado publicando textos em jornais, na época a imprensa ingatiava. Nizia também dirigiu o colégio para moças no Rio de Janeiro e escreveu livros em defesa dos direitos das mulheres, dos índios e dos escravos.

O feminismo foi um movimento em prol de melhorias para a classe das mulheres. O mesmo perpassou por inúmeros fatores, até se destacar como movimento a favor das classes das mulheres. No que se refere a esse movimento feminista, Bandeira (2000) esclarece que:

O feminismo constitui-se no movimento social que mais profundamente inferiu no pensamento social e político ocidental, da forma como este se estruturava desde o século XVI. (LAMOUREUX, 1986; TOURAINÉ, 1986 apud BANDEIRA, 2000, p.15)

Partindo destas indagações, o movimento feminista segundo Bandeira (2000, p.18) caracterizou-se “pela igualdade e paridade na luta em favor de direitos e oportunidades iguais entre mulheres e homens, centrou-se na conquista de exposições sociais e direitos políticos”.

Vale ressaltar que essa citação, põe em jogo a valorização da mão-de-obra feminino, pois segundo a autora esse movimento veio a somar para as conquistas das mulheres. Por meio dos movimentos os catequistas procuram reivindicar igualdade e direitos iguais, até porque elas passam pelos mesmos trabalhos que os homens, mas não são remuneradas pelo seu serviço, e sim pelo fato de serem mulheres, pois para os homens elas são consideradas pessoas fracas sem força de um homem.

Na concepção de Alves (2007, p.41), através de sua luta constante por seus direitos, as mulheres trabalhadoras romperam o silêncio e projetaram suas reivindicações na esfera pública. Isso significa que as mulheres por sofrem todo tempo caladas, procuraram se manifestar através de movimento, movimentos esse conhecido pelas conquistas adquiridas, o então movimento feminista. Alves (2007, p.41) ressalva ainda que:

O avanço das lutas operárias congrega homens e mulheres nas organizações sindicais. Com eles as mulheres participaram das greves e, como eles, foram vítimas de repressão. O dia 8 de março<sup>4</sup>, depois proclamando o Dia Internacional da Mulher<sup>5</sup>, faz parte desta história de luta.

Nesta ressalva, Alves (2007, p. 41), nos coloca uma das grandes conquistas que as mulheres conseguiram com suas lutas constantes em prol do reconhecimento de suas jornadas de trabalhos e de salários mais dignos, salários esses que não chegam a ser igualado aos que

---

<sup>4</sup> Em 8 de março de 1857 as operárias da indústria têxtil de Nova Iorque empreenderam uma marcha pela cidade, protestando contra baixos salários e reivindicando uma jornada de trabalho de 12 horas. Violentemente reprimidas pela polícia, muitas tombaram presas e feridas. Passadas 51 anos no mesmo dia 8 de março, em 1908, ainda na cidade de Nova Iorque, operários novamente saem às ruas denunciando as mesmas condições degradantes de trabalho e acrescentando às suas reivindicações a exigência de legislação protetora do trabalho do menor e o direito de voto às mulheres.

os homens recebiam, pois elas ainda não eram vistas como capazes de exercer o mesmo serviço que os homens, partindo daí uma reivindicação por melhorias e igualdades de gêneros.

Partindo da necessidade de se conhecer o significado da palavra “feminismo”, alguns estudiosos da área têm suas definições ou caracterizações concretas a essa palavra. Mas segundo Branca Alves (2007, p.7) a mesma conceitua que é difícil de estabelecer uma definição precisa do que seja feminismo, pois este termo traduz todo um processo que tem raízes no passado, que se constrói no cotidiano, e que não tem um ponto predeterminado de chegada. Como todo processo de transformação, contém contradições, avanços, recuos, medos e alegrias. Mas segundo o site Wikipédia<sup>6</sup> a enciclopédia livre a palavra “feminismo”, um movimento social, filosófico e político que tem como meta, direitos **equânimes**<sup>7</sup> (iguais) e uma vivência humana liberta de padrões opressores baseados em normas de gênero.

Partindo deste pressuposto, Floresta (1989, p. 37-38) faz uma indagação de que:

Os homens podem absolutamente passar sem Príncipes, Generais, Soldados e Jurisconsultos, como antigamente, e ainda hoje passam os Selvagens; mas podem passar sem amas na infância? E se por si são incapazes de exercer este importante emprego, não precisam indispensavelmente das mulheres? Em um Estado tranquilo e bem regido, a maior parte dos homens são inúteis em seus ofícios e inútil toda sua autoridade, mas as mulheres não deixarão jamais de ser necessárias enquanto existirem homens e estes tiverem filhos.

Na citação acima, Floresta (1989) faz um desabafo sobre a injustiça sobre o homem, pois segundo ela as mulheres são mais úteis que os homens nos espaços públicos, e que podem ser importantes também no contexto social.

Segundo Cunha (2005, p.18) movimento feminista no Brasil na passagem do século XIX para o século XX, o mesmo foi liderado por uma elite feminista letrada, ou seja, elite essa de maior poder econômico o que não foi diferente dos outros países que aderiram ao movimento. A mesma coloca que:

A presença da mulher na história da educação brasileira se deu na luta pela emancipação social desde o movimento contra a escravidão e na luta pela conquista da independência e da liberdade. As mulheres<sup>8</sup> brasileiras sempre estiveram à frente de movimentos na conquista de seus direitos. CUNHA (2005, p.19).

---

<sup>6</sup> O que é feminismo. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Feminismo> . Acessado em 15 de Novembro de 2013

<sup>7</sup> Adj. m. e adf.f. que possui ou demonstra equantidade; em que há constância, tranquilidade. Diz –se do julgamento realizado com justiça; justo. ( Etm. Do latim: aequanimis).

<sup>8</sup> Duas brasileiras participaram da primeira conferência do Conselho Feminino da Organização Internacional do Trabalhador (1991) onde foi aprovado o princípio de salário iguais para homens e mulheres foram ela Betha Lutz e Olga Paiva Meira, que em muitos vieram contribuir para a emancipação do movimento das mulheres brasileiras

De acordo com a citação acima, a mulher teve seu espaço na educação graças a luta que tiveram no movimento contra a escravidão, pois as mesmas eram destinadas somente a trabalhos pesados, e que a partir deste momento puderam exercer a independência e poderem usufruir da sua liberdade.

Cunha (2005, p.19) relata em sua dissertação de monografia, ainda que:

No Brasil, só no governo de Getúlio Vargas no ano de 1934, na Assembléia constituinte, depois de muita luta é que algumas bandeiras do movimento foram asseguradas, tais como: O princípio de igualdade entre sexos, o direito do voto feminino, a regulamentação do trabalho feminino, a equiparação salarial entre homens e mulheres e a proibição do trabalho noturno [...]

Mesmo percebendo hoje que a mulher ainda perpassa por um processo lento na sua igualdade social equiparado ao homem, percebe-se que a mesma lutou e (ainda luta) ao longo destes séculos, contra as estruturas opressoras mostrando que também podem e devem compartilhar os seus conhecimentos, aos serviços que os homens executam.

## **2.1 A educação da mulher negra: da evolução as conquistas**

No que se refere à Educação da mulher negra, segundo Sousa (2008, p.1) ressalta que:

Chegamos ao Século XXI, com um modelo de sociedade brasileira marcada por diversos tipos de preconceitos e discriminações. Tais complexidades encontram-se presentes, principalmente no segmento social “mulheres negras”. Trabalhar essa dialética correlacionada com o status poder e violência que permeiam as esferas sociais, não tem algo fácil ou tranquilo de realizar em nossos dias. [...]

Na citação anterior, a autora nos relata sobre os preconceitos que a mulher negra sofre ainda hoje, mesmo vivendo em uma sociedade que se diz não preconceituosa. A mesma ainda aborda como nosso país mesmo sendo um dos considerados com maior população negra, ainda não respeita seus direitos e deveres.

Sobre os direitos e deveres dos negros, Lima (2012 p. 33-34) ressalta que:

As revoltas do século XVIII, como a dos Búzios, já traziam reivindicações por acesso à educação; a Frente Negra Brasileira, fundada em 1931, defende a integração dos negros à sociedade brasileira, reconhecendo que a educação se constitui em grande desafio.

A citação mostra-nos que desde do século XVIII o negro vem brigando por melhorias e por igualdade, igualdade essa relacionada a educação, pois os mesmos se sentiam excluídos, sem poderem ter acesso à educação.

Os negros vivenciaram e vivenciam ainda grades desafios, um deles é a sua luta constante para terem uma vida digna e igualitária. A partir desta indagação, segundo o CADERNO NEGRO (2008, p, 17-18): sobre a história de vida de uma mulher negra que vivencia as dificuldades de educar seus filhos, a mesma tem uma rotina igual a grande maioria de sua mesma origem de sobrevivência, nos coloca uma verdadeira luta de uma mulher:

#### **MARIA OU A VERSÃO FEMENINA DO TEMPO QUE EMANA**

[...]  
 Mas você não voltou Maria,  
 Você é dura.  
 Mulher de labuta,  
 Não deixa por menos,  
 Faz e acontece,  
 Mas sem transporte?  
 E acaso não vá,  
 Amanhã há outra  
 Em seu lugar.  
 E sua atitude,  
 Onde é que ela estar?

A citação a cima, trata-se do recorte de um poema retirado dos Cadernos Negros, o qual mostra a vida de uma mulher para conquistar seu espaço na sociedade, correndo atrás de melhorias para dar uma educação e uma vida de qualidade para seu filho. Isso acontece desde sempre, pois se analisarmos, a mesma também passou por essas consequências para ser alguém na vida.

### **3. METODOLOGIA**

Este artigo é parte de uma pesquisa feita para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia, o mesmo em discussão fez-se necessário delimitar o estudo, estabelecer critérios para seleção da amostra de pesquisa (ser mulher, negra e atuar em turmas do 1º ao 5º ano da rede pública municipal, que seja moradora do município de São João do Sóter) e retornar ao campo de pesquisa.

Inicialmente desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica que serviu de fundamento para a análise e explicação sobre “A atuação da mulher negra como docente no Município de São João do Sóter - MA”. E, a partir dos contextos pesquisados, realizou-se uma pesquisa de campo que envolveu uma breve observação, entrevista com narrativas de história de vida e análise de dados, para adquirir as informações necessárias que facilitassem a compreensão sobre estas docentes e sua atuação, estas informações serviram de alicerce e fundamentação para a pesquisa.

As formas de pesquisa utilizadas para construir os dados foram: a observação da atuação das docentes em sala de aula, no primeiro momento e a realização de entrevistas no segundo momento.

A observação propiciou alguns fatos relevantes da atuação dessas docentes, como os seguintes pontos: o comportamento e atuação em sala de aula sujeito dessa pesquisa além da vivência do seu cotidiano em sala de aula, tendo como principal objetivo as suas contribuições para o desenvolvimento dos discentes. Essa etapa permitiu ao investigador uma melhor análise e interpretação das informações colhidas por meio da observação assim, sendo possível verificar ação e discurso.

Como instrumento de coleta de dados utilizou-se a entrevista narrativa, que consiste em um instrumento básico para coleta de dados. É realizada de forma exclusiva com as entrevistadas e permite um contato direto com as interlocutoras, tornando a obtenção das informações mais eficaz. As entrevistas foram realizadas na própria escola onde as docentes trabalham, as mesmas seguiam um roteiro pré-estabelecidos com questões norteadoras e objetivos traçados pelo pesquisador.

#### **4 DOCENTES NEGRAS E SUAS NARRATIVAS**

Neste capítulo, apresenta-se as narrativas das interlocutoras analisadas por categorias norteadoras: Trajetória familiar e identidade, Processo de escolarização e Categoria profissional.

A pesquisa em foco tem como objetivo geral: analisar as contribuições que as professoras negras vêm propiciando ao cenário educacional da Cidade de São João do Sóter - MA. Partindo-se de tal objetivo, realizou-se uma abordagem sobre as histórias de vidas de cada participante, por meio do qual percebeu-se que inicialmente algumas das docentes negras sentiram-se receiosas por tratar-se de uma temática relacionada não apenas a sua profissão docente, mas à sua própria identidade.

Ao descreverem histórias de vidas, pode-se observar que algumas se emocionaram ao lembrar de suas dificuldades e sacrifícios enfrentados para conseguirem o que hoje lhes enchem de orgulho: a profissão docente.

##### **4.1 Categoria 01: Trajetória família e identidade**

Na primeira categoria, com intuito de compreender sobre a trajetória familiar e identidade das entrevistadas, houve uma busca por discussões de autores sobre esse tema e relatos da história de vida das docentes, em que pode-se notar suas dificuldades, vitórias, conquistas, a concepção de sua identidade racial e de que forma tais aspectos influenciaram em sua vida pessoal e profissional.

Para Josso (2004, p.191) o trabalho da narrativa escrita de vida [...] permite uma espécie de estado das ligações dos nossos conhecimentos nos nossos diferentes referenciais experienciais, e nas nossas formas de exprimir o nosso ser em relação conosco e com outrem na evolução de nossos posicionamentos existenciais [...].

Neste sentido, faz-se necessário lembrar que historicamente a mulher, principalmente a mulher negra, vivenciou muitas transformações e enfrentou muitas barreiras no ambiente educacional, não sendo muito diferentes das docentes negras de São João do Sóter - MA, que perpassou por inúmeras dificuldades, quebrando barreiras para se tornar docentes. Suas histórias de vidas podem confirmar o quanto foi sofrida para estas conquistarem os cargos que hoje ocupam, ou seja como foi difícil participarem de cursos de formação pedagógica e tornarem-se professoras.

Segundo Josso (2004, p.43) sobre história de vida relata-nos que:

[...] os contos e as histórias de nossa vida são os primeiros elementos de uma aprendizagem que sinalizam que ser humano é também criar as histórias que simbolizam a nossa compreensão da vida. As experiências, de que falam as recordações-referências constitutivas das narrativas de formação, contam não o que a vida lhes ensinou mas o que se aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida.

Na citação supracitada, Josso (2004) esclarece que nossa história de vida é um dos elementos primordiais para a contribuição para a formação de nossa aprendizagem, e que essas experiências vividas não nos conta o que só o que nos foi repassado, mas sim o que se aprende nesse processo de conhecimento.

Referindo-se sobre o processo desse conhecimento, é interessante frisar que esse processo acentua “o inventário dos referenciais e das valorizações e faz emergir os interesses de conhecimento e os seus níveis (JOSSO, 2004, p. 43).

Resaltando sobre história de vida, ao serem questionados sobre sua infância, família, e as atividades desenvolvidas na sua família e comunidade, a entrevistada Silva B esclarece que:



*Minha infância foi um pouco sofrida por morar na zona rural, meus pais trabalhava na roça, agente trabalhava de manhã na roça e a tarde ia para escola, estudei num povoado do primeiro quarto ano, na época quarta série, e quando fui fazer (na época considerado ginásio) fui estudar em outro povoado mais distante, sendo que não havia transporte escolar, a gente ia de bicicleta sozinha. (SILVA B. 2014)*

Na fala da professora Silva B, pode-se entender o quanto foi sofrida sua caminhada para conseguir concluir o Ensino Fundamental menor (atualmente primeiro ao quinto ano), ensino esse que na época não tinha muita facilidade no que diz respeito a seu acesso à escola, pois o mesmo era feito com dificuldade utilizando se como transporte a bicicleta, pois pelo fato da escola ser em outro povoado e não haver neste período transporte escolar havia essas dificuldades de descolamento.

Tratando ainda sobre história de vida, a entrevista Silva A. relata-nos:

*Eu morava no interior aqui de São João “ Axixá” né , eu comecei estudar lá no povoado mesmo, na Escola Eugênia Campos Mendes, fiz o primeiro, na verdade antigamente não tinha essa questão de educação infantil agente já ia direto para o primeiro ano fraco, estudei lá, só que eu não permanece diretamente lá, eu fui embora para estudar em Caxias, eu morava com minha vó , ai ela me deu para uma família que queria uma pessoa para morar com lês né, ai eu comecei estudar lar, fui fazer novamente a primeira serie lá no Eugênio Barros, comecei em noventa e cinco, fiquei lá até dois mil e um, ai não conclui o ensino fundamental e vim pra cá para São João e terminei meu primeiro grau no Mariano Campos<sup>9</sup> (SILVA A. 2014).*

Na fala acima, observa-se o perfil de uma mulher guerreira, que lutou muito para vencer na vida, uma mulher mesmo sendo de origem simples, ou melhor, vindo da zona rural não deixou enfraquecer as suas necessidades, e conseguiu ingressar numa sala de aula na cidade, que nesse período era muito complicado, pois não passa pelo ensino considerado base da educação, a educação infantil, foi diretamente para a primeira serie, que hoje conhecemos (após reformulação do ensino para nove anos) como segundo ano. E teve seu processo de ensino aprendizado interferido por conta de sua mudança para uma nova cidade (Caxias - MA), a mesma quando chegou à cidade teve que iniciar seus estudos novamente do inicio, ou seja, teve que repetir a primeira serie novamente, e não se sentindo satisfeita, depois de muito tempo, resolve retornar ao município de São João do Sóter - MA e resolve concluir seu ensino fundamental lá, e em seguida o ensino médio.

Para Vygotsky (1987) Apud Rodrigues (2009) sobre o processo de aprendizagem, as origens da vida consciente e do pensamento abstrato deveriam ser procuradas na interação

---

<sup>9</sup> Escola mais antiga do município que tem esse nome em homenagem a um dos seus primeiro moradores e donos das terras, que na época era conhecida como São João dos Poleiros.

do organismo com as condições de vida social, e nas formas histórico-sociais de vida da espécie humana [...].

Na fala Vygotsky (1987) o processo de ensino aprendido em relação a história de vida ressalta a busca por esses conhecimentos deve ser compreendido a partir da interação desses sujeitos com a realidade

Partindo desta colocação, vale fazer uma ressalva de uma professora que vivenciou quase os mesmos caminhos para concluir seus estudos, só que havendo uma pequena diferença com Silva A, pois a mesma conclui seus estudos na capital do Maranhão São Luís, estou me referindo a professora Silva C, que:

*Eu não fui criada aqui em São João, logo quando eu completei meus doze anos, eu fui para São Luís, e lá comecei a estudar, fiz do primeiro até quando eu terminei meu Ensino Médio, e quando eu terminei o Ensino Médio, eu fiz o Ensino Superior lá. (SILVA C, 2014)*

Pode-se analisar que essas docentes negras passaram por grandes dificuldades, ainda mais vindas todas da zona rural, pois só por esse fato de serem negras e de zona rural imagina-se as dificuldades que as mesmas passaram e ainda passam para serem reconhecidas pela sociedade.

Segundo Arranha (2006), sobre os obstáculos que a mulher enfrenta, ressalta que:

*Se a mulher desiste de enfrentar os obstáculos para realizar seus desejos, agem de modo masoquista, aceita a dor, o sofrimento, a perda. Então o papel de vítima lhe cai como uma luva e o sentimento de culpa a acompanha sempre que esboça um gesto em direção á autonomia e a realização pessoal.*

Na fala acima, Arranha (2006) ressalta-se que a mulher deixa de enfrentar o que de fato ela deseja buscar, para se entregar ao fracasso, fazendo com que a mesma se considere incapaz de conseguir algo para sua formação.

A mulher negra nunca pode deixar de expressar seus sentimentos e sua real identidade. Pois sua questão de identidade é a conscientização, todos devem entender que ser negro não é apenas uma questão de pele, mas uma questão de hereditariedade e de cultura (ARAÚJO, 2006, p. 22).

Partindo disso afirmam quando perguntado sobre sua identificação como negra, as mesma colocam que aconteceu com:

*A família do meu pai que é toda negra, e a família da minha mãe já é mais a questão do branco né, tem mais, são uma mistura, a dependência do meu pai todos são negos, então minha cor mesmo é negra né, porque apesar de outras coisas, de alguns acontecimentos, graças a Deus até o momento eu não me deparei com*

*situação por causa da cor, mais a minha dissidência é mais por conta do meus pais.* (SILVA A, 2014).

Observa-se que segundo SILVA A, sua identidade como negra sempre foi uma questão de respeito, pois a mesma como relata, herdou da família de seu pai, e com isso se sente satisfeita, pois até o momento nunca sofre discriminação por herda a cor de seu pai.

Relacionando a mesma pergunta com a fala da professora Rosilene, pode se observar que sua identificação com negra partiu da sua professora, como a mesma ressalta em sua fala:

*Eu já cresci né, porque cresci na capital de São Luis, já sabendo sobre essa questão do negro, logo lá em São Luis, digamos que sessenta por cento é negra, mais os negros de lá não gostam de negros. Então eu vejo assim, mais que eu levei muito, que eu visei essa questão foi com uma professora minha a Maria Aparecida lá em São Luis ela visava muito essa questão entendeu do negro, do racismo, que infelizmente que hoje nós sabemos que a sociedade entendeu implora, existe, é bem presente.* (SILVA C, 2014)

Na citação acima, observa-se que a docente no seu processo de identificação como negra não foi muito difícil, como a mesma já relata, teve uma grande contribuição por parte de sua professora Maria Aparecida, apesar de que na capital de São Luis sua maioria da população sejam descendentes de africanos, os mesmo tem preconceito com sua própria pele.

Sobre essa identificação partida das orientações do professor, segundo Abramovay (2002) apud Araújo (2006):

O primeiro objetivo da escola na sociedade moderna é formar um sujeito apto a assumir seu espaço na sociedade capitalista, ou seja, produtivo submisso, tendo interação otimista com seu grupo social. Essas regras institucionais operam de modo simbólico, repercutindo o legitimando outros espaços sociais, de acordo com as instâncias de poder. A escola poderá ser um meio de manutenção de desigualdades sociais pelo uso de métodos simbólicos e indiretos de correção social, porém o principal papel da escola deveria ser o de construir uma identidade positiva, formando indivíduos capazes e autônomos.

É de fundamental importância discutir sobre o papel da escola em formar esse sujeito capitalista, pois a mesma ainda tem dentro de si o seu lado preconceituoso, pois que ela vivencia os direitos que os negros têm, ela camufla isso, e faz de conta que é apenas uma conquista desnecessária.

Ainda sobre a identificação como negra, segundo o depoimento da entrevistada SILVA B:

*Eu sempre assim apesar de criança na minha época, mas eu tive aquele entendimento, eu nunca tive aquela questão de alguém me chamar de negra, eu*

*sempre tive aquele entendimento que era morena a maneira de chamar, mais eu sempre sabia que eu era negra, e minha pele negra também nunca sofri nenhum tipo de preconceito quanto a cor né, eu sempre tive aquele entendimento que eu era negra devido a minha cor entendeu. (SILVA B, 2014)*

Esse posicionamento deixa claro que a entrevistada professora Silva B, cresceu sempre com o entendimento de sua identificação como negra, e que não precisou de orientações de professores para com sua identificação.

Ainda ao se referir sobre a identidade negra, Munanga (1996, p.12) afirma que:

*A identidade negra é também construída durante sua trajetória escolar desse sujeito e, nesse caso, a escola tem a responsabilidade social e educativa de compreendê-la na sua complexidade, respeitá-la, assim como as outras identidades construídas com sujeitos que atuam no processo educativo escolar, e lidar positivamente com a mesma.*

Segundo a citação, cabe à escola garantir a aprendizagem de certas habilidades e conteúdos que são necessárias para a vida em sociedade, pois a identidade de qualquer ser humano é construída a partir de como somos tratados e percebidos. (LIMA, 2012)

A partir dessa indagação para Cavaleiro (2005) apud Araújo (2006) o sistema educacional e outras instituições sociais, estão repletos de práticas racistas, discriminatórias e preconceituosas, o que geram em muitos momentos um cotidiano escolar prejudicial ao desenvolvimento emocional e cognitivo de todas as crianças e adolescentes, em especial às consideradas diferentes-como destaque as crianças negras.

As docentes aqui citadas passaram por um período em sua vida na quais tiveram que saber conciliar escola e afazeres domésticos para ajudar seus pais, pois sabemos que a mulher que foi sempre destinada aos afazeres de casa.

Partindo desta afirmação, as entrevistadas afirmam sobre essas atividades realizadas para ajudarem seus pais:

*Em casa só as tarefas domésticas mesmo que os meus pais trabalhava na roca e eu ficava em casa fazendo os afazeres mesmo de casa, para quando chegasse no horário de ir para a escola eu ir a escola, a ajuda que eu tinha era essa, eles trabalham na roca e eu fazia, ficava em casa fazendo almoço para quando eles chegarem tava pronto. (SILVA B, 2014).*

Na fala da entrevistada é notável que as meninas oriundas de famílias de lavradores e que estudavam, se dedicavam aos afazeres domésticos pela manhã e a tarde ia para escola. Essa ação é bem percebida quando a Sandra (2014) relata na sua fala acima, quando fala da ajuda que dava aos pais antes de ir para a escola.

#### **4.2 Categoria 2: Processo de escolarização**

A segunda categoria da nossa pesquisa trata do processo de escolarização, onde se evidencia o processo escolar das entrevistadas expondo suas dificuldades ao acesso escolar e a trajetória das mesmas nos níveis de escolaridade incluindo seu ingresso no ensino superior. Com base no processo escolar, Araújo (2006, p. 22) relata que:

Sabe-se que em todos os grupos humanos, é possível observar a utilização de meios pedagógicos como forma de transmitir saberes, por meios dos quais os sujeitos compartilham conhecimentos, símbolos e valores. Nas sociedades modernas criou-se uma sistematização desse saber mediante modelos formais e centralizados, de transmissão das informações. O local de conhecimento foi denominado escola-sistema aberto, que passou a fazer parte da superestrutura social formada pelas instituições: família, igreja e meios de comunicação.

Compreende-se diante do exposto que a escola é um dos melhores meios de transmitir saberes e aprendizagens, pois é onde os sujeitos podem transmitir conhecimentos, e é um espaço que pode-se concretizar de vários meios para que esses sujeitos aprendam. A partir desta afirmação, inicialmente foi indagado as docentes a respeito sobre o seu processo de escolarização e sobre suas dificuldades. Verificou-se que as entrevistadas responderam:

*Inúmeras inumeras dificuldades eu passei, a primeira em São Luis foi para mim me adaptar a escola, primeiramente eu fiz o, que era, que hoje é o, a creche e a pré-escola era o jardim entendeu, eu passei, eu já tá numa idade já, eu passei assim entendeu, eu tinha tanta aquela vontade de crescer pela dificuldade que eu passava, que eu passei no interior com meus pais essa coisa toda, que era assim relâmpago a professora só faltava me dar logo o pra mim passar para a outra série porque eu já era crescida entendeu já era crescida, então eu senti passei muitas dificuldade, e dificuldades eu também senti foi quando eu fui fazer o ensino médio, que eu fiz no Liceu Maranhense que é uma das melhores escolas de São Luis, então eu senti certas dificuldades, então para nós entrarmos no Liceu Maranhense, tivemos que fazer um seletivo, que ainda hoje existe, então ainda hoje existe, agente fez esse seletivo e passamos e fomos cursar o ensino Médio. E minhas dificuldades no ensino médio foi primeiramente pelo fato de ser uma escola modelo para São Luis é pública é o Liceu Maranhense, então eu sentia essa dificuldade em termo de me relacionar com o outros alunos porque via uma negra e consegui esta aqui, porque geralmente lá são pessoas de classe média que estudam no Liceu. (SILVA C, 2014)*

De acordo com Silva C constitui-se como dificuldades em seu processo escolar as barreiras que teve de enfrentar, por estar numa capital e de estudar em uma escola modelo, e pelo fato de ser negra e de ter conseguido adentra nesta instituição escola que tem um perfil elevado pelo fato da mesma ter em suas maiorias ingressantes de classe média. Estas dificuldades estão presentes no pensamento de alguns autores como é o caso de Araújo (2006, p. 27) que comenta:

A função da escola enquanto instituição e a transformação de um povo de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integridade estimulando a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias dos diversos grupos e minorias.

Araújo (2006) compreende que a escola enquanto instituição é responsável em promover a formação dos valores, hábitos e comportamentos que os discentes devem compreender enquanto receptor no seu processo de formação.

Sobre essas dificuldades no processo de escolarização a entrevistada Silva B destaca quando afirma que:

*Assim, no início eu tinha essa dificuldade, eu morava na zona rural, e fui morar em Caxias né, como cidade mais avançada eu tive essa dificuldade em relação, a saber, ler né, por eu já fui aprender a ler com a idade bem avançada né por conta que o estudo da zona rural é diferente da urbana né, eu tive essa dificuldade, mas como antigamente tinha aquelas cartilhas de ABCD, tinha os símbolos, tinha aquela coisa toda, foi aí que tive a facilidade de obter conhecimentos em relação ao sistema mesmo da escrita. (SILVA B, 2014)*

Pelo fato da professora Silva B ser da zona rural a mesma enfrentou dificuldades de aprendizagem no que se refere à leitura e a escrita, pois pelo fato de morar na zona rural o método utilizado era mais precário do que na zona urbana, pois quando se deparou com a realidade urbana, teve mais facilidade de aprender ler e escrever, a partir do método tradicional da cartilha de ABC. Partindo desta colocação sobre as cartilhas de ABC, segundo Barbosa (1994) Apud Araújo, 2006, p. 54):

*[...] cartilhas são livros didáticos infantis destinados ao período da alfabetização. Daí seu caráter transitório, limitando-se seu uso à etapa em que, na concepção tradicional da alfabetização, a criança necessita dominar o mecanismo considerado de base na aprendizagem da leitura e escrita. A cartilha apresenta um universo de leitura bastante restrito em função mesmo de seu objetivo: trata-se de um pré-livro a um pré-leitor.*

Nesta perspectiva, o autor coloca-nos que é a partir destas cartilhas de ABC são de suma importância no processo de aprendizagem da criança, pois elas são consideradas como um livro didático infantil. As mesmas são consideradas também como serve como base no desenvolvimento da criança na leitura e na sua escrita, pois esta cartilha apresenta um universo de informações para a construção da aprendizagem a qual a criança ao inicia no ano seguinte já adentra com um conhecimento mais formado do que aquela criança que não ter a mesma oportunidade que a professora Silva C obteve no seu período de alfabetização.

No que se refere à questão da criança adentrar no primeiro ano sem passar pelo processo de alfabetização pode se notar na fala da professora Silva B que não há uma diferenciação de aprendizagem.

*[...] Eu já entrei diretamente no primeiro ano com sete anos de idade, mas apesar disso eu não tive dificuldade graças a Deus de ser alfabetizada, eu sempre quis estudar, terminei de primeira à quarta série no interior, fui estudar no outro, tive*

*dificuldade na questão do transporte por ser de família ser pobre, terminei o ensino fundamental.* (SILVA B, 2014).

Na fala da professora Silva C notamos que a mesma já ingressou no ensino fundamental aos sete anos de idade, ou seja, já adentrou fora da idade certa. Mas segundo a interlocutora pelo fato de ingressar já com sete anos na primeira série, não sofreu nenhuma dificuldade no seu processo de aprendizagem, até porque sempre quis estudar. A mesma relata ainda que sua grande dificuldade foi na questão do transporte escolar, pois mesmo ao concluir as series iniciais, teve que dar continuidade em outra localidade, pois na sua só havia o ensino de primeira à quarta série daí a necessidade de um transporte, até porque sua família não tinha condições financeiras de bancá-la. Estas situações podem observar no pensamento de Pessoa (2012, p. 21).

O transporte Escolar Rural (TER) surge com a finalidade de proporcionar o acesso à educação e a permanência na escola de alunos carentes que vivem no campo longe das instituições educacionais, ou pelo menos, daquelas que ofereçam melhor qualidade de ensino a eles. Quanto maior a carência dos educados rurais, maior também é a dependência pelo transporte gratuito para ir à escola.

Na fala do autor acima pode se observar a importância do transporte escolar na vida do educando da zona rural, e também o mesmo ressalta a dependência de discentes com o mesmo.

Dessa forma pode se observar que os alunos enfrentam muitas barreiras no que se refere ao transporte escolar, ainda mais quando em se trata de alunos que saem de sua localidades para estudar na zona urbana. Ao destacar o transporte escolar como uma ferramenta obrigatória para o educando se deslocar até a escola na zona urbana, segundo Pessoa (2012) a falta de transporte escolar na área rural torna-se um problema ainda grave quando escola na própria área, e a aluna é obrigada a frequentar na área urbana.

O aluno ao sair de sua localidade para dar seguimento em seus estudos na zona urbana, ele poderá passar por inúmeras dificuldades, ainda mais se o mesmo for afrodescendente, pois além de sofre as dificuldades das diferentes realidades ainda em muitos casos sofrem de discriminação racial por mais que os mesmo ainda não se identifiquem como negros.

Sobre discriminação racial, segundo o conceito estabelecido pelas Nações Unidas (Convenção da ONU / 1966) (Apud Luciana Barros), sobre a eliminação de todas as formas discriminação racial) significa:

Qualquer distinção, restrição ou preferências baseadas em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica, que tenha como objeto ou efeito anular ou restringir o conhecimento, o gozo ou exercício, em condições de igualdade, aos direitos

humanos e liberdades fundamentais no domínio político, social ou cultural, ou em qualquer outro domínio da vida pública.

Outro ponto colocado às interlocutoras foi sobre se no seu período de escolarização, se teve alguma lembrança de preconceito por parte do seu colega de classe ou escola, as entrevistadas afirmaram que, vejamos nas falas abaixo:

*Não! Graças a Deus isso não aconteceu comigo, meus colegas sempre me respeitaram, às vezes quando na faculdade a gente sempre tens aquelas pessoas que tem mais condições financeiras, e aquelas que não têm mais eu nunca fui vista assim de maneira diferente, meus colegas sempre procuraram me ajudar mesmo sem nenhum tipo de diferença. (SILVA, B)*

*Eu já tive. Inclusive eu cheguei até brigar quando eu fazia a segunda série lá em Caxias, porque tinha um colega meu que me discriminava, porque às vezes eu me sobrecaia mais do que eles, eles sempre tinham esse preconceito comigo, falavam que eu queria ser mais sabida, e sempre me chamavam de negra. (SILVA A, 2014)*

*Senti um pouco até pela questão, da direção em termo assim de eu sou negra eu estou ali entendeu, então eu sentia é uma coisa que na maioria, no momento que o individuo olha pra você, você já percebe, mas graças a Deus eu tenho esse dom de perceber certas coisas. (SILVA C, 2014)*

Observando nas falas, percebe-se que as opiniões se dividem. Há docentes que relatam que sofrem sim discriminação racial por partes de colegas de sala, e também por colegas de profissão, e até mesmo pela direção da escola. E há uma que relata que não sofreu nenhum tipo de preconceito, apesar de conviver com colegas que tenham condições financeiras, os mesmos nunca o a discriminaram pelo fato de não ter essas condições.

Sobre discriminação racial Araújo (2006, p.39) ressalta que as atitudes de discriminação, qualquer que seja, podem deixar marcas para toda vida. “A discriminação pode afetar a autoestima do estudante, podendo assim diminuir o rendimento escolar”.

Referido ao posicionamento dos colegas de profissão da professora entrevistada SILVA A, para Munanga (1996) Apud Cavalleiro (2005, p. 70):

[...] o preconceito inculcado na cabeça do professor e sua capacidade de lidar profissionalmente com a diversidade, somando-se ao conteúdo preconceituoso dos livros e materiais didáticos e às relações preconceituosas entre alunos de diferentes ascendências étnico-raciais, sociais e outras, desestimulam seu aprendizado.

### 4.3 Categoria 3: Categoria profissional



Toda e qualquer profissão estar sustentável a enfrentar problemas no seu ambiente, e no âmbito escolar não é diferente, os desafios que permeiam o cotidiano da professora negra são parte integrante de sua prática. Esses desafios se apresentam das mais variáveis formas, isso vem sendo discutida desde o princípio da organização social, quando a mulher passou a estudar e atuar em uma área profissional.

A atuação feminina começou um pouco conturbada por causa dos preconceitos machistas, mas hoje principalmente na educação a mulher negra que se faz necessária ser mais atuante, para melhor compreendermos com isso as interlocutoras, quando perguntado acerca de como ingressou na carreira do magistério, destacaram que:

*Na verdade eu entrei na área da educação em dois mil e seis (2006), quando eu já tinha concluído o meu curso do magistério, aí eu tive essa oportunidade. (SILVA A, 2014).*

*Fiz curso superior de Letras-Português, mas assim sempre tive vontade de estar em sala de aula. Eu sempre gostei, desde quando fazia o primeiro ano que via minha professora, eu sempre tive aquela vocação para professor. Toda brincadeira minha era como professora. (SILVA B, 2014).*

Pode-se observar nas falas das docentes que iniciaram sua atuação em momentos diferentes, pois segundo Silva A, desde quando terminou seu magistério, a mesma já ingressou diretamente na área e já segundo Silva B, relata que tinha esse desejo desde das séries iniciais quando observava a atuação de sua professora. Observa-se também que as mesmas possui capacitação profissional para atuarem na área, que segundo Freire (1996) capacitar-se profissionalmente é buscar desenvolver (ou aprimorar) a consciência crítica, que tem como características: anseio de profundidade na análise de problemas, amor ao diálogo e reconhecimento de que a realidade é mutável.

Sobre a atuação dessas mulheres na educação, foi questionado sobre as modalidades de ensino que atuam ou já atuaram, na qual segundo as entrevistadas, relatam:

*No ano de dois mil e treze eu trabalhei do sexto ao nono ano na minha área de Letras, eu trabalhei com língua portuguesa, e esse ano estou atuando é no quinto ano. (SILVA B, 2014)*

*Nós trabalhamos assim, foi interdisciplinar, na verdade a gente aprendeu de tudo um pouco, desde do português a matemática, são as disciplinas essenciais que sempre a gente vê na sala de aula eu também obtive esses conhecimentos dessas disciplinas. (SILVA A, 2014)*

*Eu atuei no primeiro ano, é na primeira série que nesse tempo era serie primeira série, e aí logo após atue da sexta, na sexta sétima e na oitava no Lourdes Itapary trabalhei lá, aí depois vim pra cá, trabalhei no EJA na sexta série, e depois trabalhei no segundo ano que agora é ano né isso e agora estou no primeiro ano. (SILVA C, 2014).*

Segundo a fala da interlocutora Silva B, a mesma atuou no ensino fundamental II no início da sua carreira e atualmente atua em uma área diferente, no caso no quinto ano. Já professora Silva A, relata que sua primeira atuação foi em sala de multisseriado, onde trabalhava de forma interdisciplinar. E segundo a fala da professora Silva C, sua atuação já um pouco diferente, pois atuou em diversos níveis do ensino fundamental, como por exemplo, nas series iniciais, no ensino fundamental II e EJA. Essa situação sobre as salas de multiseriados segundo Nicácio, (et al, p. 11) apud Rodrigues (2009, p. 20):

São visíveis as carências geradas pelas classes multisseriadas, no entanto esta é uma realidade que não deve ser desprezada, pois ainda é constante. Neste sentido, é muito importante que se convide a reflexão sobre como desenvolver uma educação multisseriada sem que não sejam estabelecidas grandes lacunas entre o ensino multisseriado e o seriado.

São perceptíveis as dificuldades que as docentes passaram, primeiramente pelas séries iniciais para terem experiência interdisciplinar e trabalharem com todas as disciplinas de determinado ano que atuam, para que depois de algum tempo passaram a ter mais experiência e atuar em outras modalidades de ensino e em suas áreas específicas.

Sobre a atuação em sala das interlocutoras foi questionado a relação e a experiência delas com seus alunos e obtivemos as seguintes respostas:

*[...] Quando termina a aula, eu deixo aquele tempinho, não todo dia mais pelo menos uma vez por semana eu deixo aqueles alunos que eu vejo que tem mais dificuldade, ou então aqueles alunos que a gente percebe que não quer nada na sala de aula, eu deixo aquele tempinho mesmo que estão que vem da zona rural ou não, porque às vezes aquele que vem da zona rural ele tem mais interesse em aprender do que aquele que tem mais oportunidade, eu deixo aquele tempinho e vou conversar com ele, eu vou contar minha trajetória, como aconteceu desde o princípio pra mim estar aqui hoje. (SILVA B, 2014)*

*Primeiramente eu converso com os meus alunos sobre a questão de como é difícil da gente vim da zona rural pra gente conseguir estudar, pra gente conseguir uma coisa melhor na vida. Nós sabemos que a criança é imperativa, eu sempre converso com eles, a se espelhar a minha dificuldade, e também aos pais deles, porque nós sabemos são de origens humildes, que vem da roça e assim sucessivamente, eu sempre trabalho esta questão do coletivo com eles, especialmente em rodas de conversas, de leitura, sempre conversamos sobre isso (SILVA C, 2014).*

Percebemos que as docentes, por terem uma história de vida com diversas dificuldades, têm a preocupação de aconselharem seus alunos a terem responsabilidade com seus estudos. E essa preocupação é notável nelas quando elas relatam que sempre durante o

tempo reservado para os alunos, procuram conversar com seus alunos e mostrar as dificuldades que passaram para hoje estarem formadas e trabalhando.

## 5. CONCLUSÃO

Não há dúvida que a educação das mulheres negras no Brasil vem se transformando ao longo dos tempos, tal fato se deve às lutas e conquistas que as mulheres alçaram durante seu período de luta emancipadora.

Em relação ao trabalho realizado pelas docentes negras as mudanças foram bastante visíveis. Ainda nos primórdios da profissão, as mesmas eram reditas a atuarem, hoje mostram o quanto são necessárias na profissão.

Historicamente, as mulheres sempre foram consideradas como inferiores aos homens, isso também acontecia nos aspectos educacionais pois elas não tinham direito a nada, muito menos à educação, elas tinham que saber apenas cuidar do lar e dos filhos. Com o passar dos anos essa realidade foi sendo transformada pouco a pouco e os homens que eram os professores foram perdendo interesse por essa profissão por causa dos baixos salários.

Esse fato acabou contribuindo para que as mulheres identificassem com a profissão de professora, também porque foi uma das primeiras profissões a serem aceitas pela sociedade para o sexo feminino e segundo porque elas já tinham a habilidade de cuidar de crianças, além do fato do magistério ter se tornado uma forma de melhorar as condições sociais, tudo isso fez com que educar crianças se tornasse uma profissão eminentemente feminina.

Atualmente, essa ideia está arraigada na sociedade, porque essa habilidade feminina se tornou também uma aceitação cultural e que está relacionada à divisão do trabalho masculino e feminino, por isso tem sido um desafio para as mulheres negras, pois ainda são vistas como inferiores tidas somente a serem escravas, ou seja, serem empregadas doméstica e de não tem condições de atuarem em uma profissão. Mas essa realidade pode ser modificada com a atuação de inúmeras mulheres negras na docência.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (coleção primeiros passos : 44)

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação História da Educação e da Pedagogia: geral e Brasil**. 3. ed. São Paulo, 2006. 2 ed. São Paulo ,1990.

ARAÚJO, Luciana Barros. **O racismo na instituição escolar: estratégias pedagógicas para o resgate de valores, cultura e identidade negra em Escolas Públicas municipais de Caxias-MA/** Luciana Barros Araújo, Maria do Perpetuo Socorro Viana Sousa-. Monografia apresentada (graduação)-curso de Pedagogia, licenciatura plena, Centro de Estudos Superiores de Caxias, 2011.

ARIAS, Maria. **A libertação da mulher.** Personalidades entrevistadas: Glória Steinem. Biblioteca Salvat de grandes temas. Ed. Salvast S/A- Rio de Janeiro, 1979.

BANDEIRA, Lourdes Maria. **Feminismo: Memória e História.** Apud SALES, Celesina de Maria Veras ET aut ( organizadoras). **Feminismo: memória e história-** Fortaleza: Imprensa Universitária, 2000, p.120.

BARBOSA, Márcio; RIBEIRO, Esmeralda (org). **Cadernos Negros, volume 31: poemas afro-brasileiros.** São Paulo: Quilombhoje, 2008. 160p.

BRAGA, Elayne de Moura. **Os elementos do processo de ensino-aprendizagem: da sala de aula à educação mediada pelas tecnologias digitais da informação e da comunicação (TDICs).** Disponível em: <http://www.ufvjm.edu.br/site/revistamultidisciplinar/files/2011/09/OS-ELEMENTOS>. Acesso em 29 de julho de 2014 as 13:59.

CUNHA, Aline Lemos da. **Narrativas Entrelaçadas: conversando sobre leituras e lembranças de escola com mulheres que se “encontram” em um salão de beleza de cultura afro.** Dissertação de mestrado. Pelotas. Agosto. 2005.

FLORESTA, Nísia. (1997) “**A Mulher**” In: \_\_\_\_\_. *Cintilações de uma Alma Brasileira.* Florianópolis: Editora Mulheres, pp: 85-159.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 148 p.

JOSSO, Marie-Chistine. **Experiência de vida e formação;** prefacio Antonio Nóvoa: revisão científica, apresentação e notas à edição brasileira Cecilia Warschauer; tradução José Claudino e Julia Ferreira; adaptação à edição brasileira Maria Vianna – São Paulo: corte, 2004.

LIMA, Maria Mota de. (org.). **Escola plural: a diversidade está na sala: formação de professores /as em história e cultura afro-brasileira e africana.** 3-ed. - São Paulo: Cortez; Brasília: UNICEF, 2012.

MUNANGA, Kabengele. (Org.) **Superando o racismo na escola:** [Brasília]: Ministério da Educação continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

PESSOA, José Alberto Lourenço. **Transporte Escolar.** Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/2683/1/PDF%20-%20Jos%C3%A9%20Alberto%20Louren%C3%A7o%20Pessoa.pdf>. Acesso em 30 de julho de 2014 as 13:22.

RODRIGUES, Caroline Leite. **Educação no meio rural: um estudo sobre salas multisseriadas.** Disponível em: [http://educampo.miriti.com.br/arquivos/File/Educacao\\_no\\_meio\\_rural.pdf](http://educampo.miriti.com.br/arquivos/File/Educacao_no_meio_rural.pdf). Acesso em 30 de julho de 2014 as 13:22.